

UMA BIOGRAFIA DE IDEIAS – CONSIDERAÇÕES SOBRE A CENA DE ENUNCIÇÃO LIBERAL-ARISTOCRÁTICA DE JUAN VALERA

Rodrigo Vasconcelos Machado

As relações interculturais têm hoje dia estudos que açambarcam gêneros literários diferentes, mas com pontos de intersecção que permitem leituras críticas mais profundas. A renovação dos estudos literários no campo teórico nos dias de hoje permite comentários que ultrapassam as fronteiras dos discursos e instaura uma nova práxis crítica. A partir das considerações anteriores se podem propor estudos críticos que alinhavam em seu *corpus* vários tipos de texto. A escolha desse estudo é investigar o lugar de enunciação liberal-aristocrática do escritor espanhol Juan VALERA (1824-1905).

Uma biografia intelectual ou de ideias desde antemão pressupõe um recorte na vida do biografado. Esta seleção buscará contemplar os fatos da vida de VALERA que de certa forma foram decisivos nas suas escolhas intelectuais. Existem outros estudos que englobam profundamente outros aspectos de sua vida que não serão objeto dessa pesquisa. É evidente que existirão lacunas que serão preenchidas com o material escrito, como cartas, textos ficcionais, discursos, etc. Contudo, as omissões não serão intencionais e sim devido à ausência de outras fontes que permitiriam um esboço mais fidedigno do escritor. Para uma possível aproximação será indagado o que a pessoa a quem volto o meu olhar considerava ser a realização ou o vazio da sua vida. A meta seria traçar um quadro claro das pressões sociais que agiram sobre o escritor e que de certa forma iriam nortear as suas escolhas. Parafraseando a Norbert ELIAS, temos que a relativa autonomia que a obra de arte tem e os complexos problemas associados a ela são mais bem entendidos com um estudo da conexão entre a experiência e o destino do artista criador em sua sociedade. No presente tópico iremos estudar a questão da cena de enunciação liberal-aristocrática de VALERA a partir de sua biografia intelectual.

A vida do escritor espanhol Juan VALERA durou praticamente quase todo o século XIX e o início do próximo, foi vivida de uma posição que lhe permitiu ver do alto o torvelinho por que passava o seu tempo. Desde o seu nascimento na cidade espanhola de Cabra em 1824, até a sua morte em 1905, VALERA teve um percurso intelectual coalhado de turbulências. Os gastos para manter a sua posição social levavam a uma falta de dinheiro constante; contudo sua vida teve significado, pois seus desejos mais profundos foram alcançados. Tornou-se um escritor consagrado pela crítica do seu tempo e em vida. Os livros eram publicados e os seus ensaios tinham uma boa acolhida. Era também membro da *Real Academia de La Lengua* desde 1861. A sua ascensão social foi condicionada pela sua dedicação excepcional à carreira das letras e retrata que talento literário foi condição *sine qua non* para o seu sucesso, visto que os seus textos ficcionais primavam por uma forma mais generosa e flexível de ver o mundo a partir da palavra escrita.

O início na carreira diplomática foi modesto, pois tinha que custear os seus próprios gastos com uniforme e outras necessidades pessoais. A entrada no serviço diplomático de VALERA se inicia com a nomeação como *Attaché ad honorem* da delegação espanhola de Nápoles; indicação honorífica que recebeu de seu tio Agustín. Com este pretexto se fazem mais frequentes os pedidos de ajuda financeira para custear as despesas. Dois anos e meio (1847-1849) durou sua permanência em Nápoles. Participar da vida diplomática lhe permitiu adestrar a sua escritura e recolher um material que seria de grande valia: a experiência de ter contato com outras culturas. A mediação intercultural foi motivada pela orientação intelectual ministrada por seu amigo Serafín ESTÉBANEZ CALDERÓN. Esta amizade começou em 1849, quando VALERA iniciou sua vida na diplomacia na Itália. A influência de ESTÉBANEZ CALDERÓN foi decisiva não só pelos conselhos dados para que o jovem escritor seguisse o seu caminho, como também pelo iberismo ao qual se converteu. Graças aos conselhos e sugestões do seu amigo, VALERA entrou em contato com a cultura portuguesa e aprendeu o seu idioma. A vida na capital lisboeta de agosto de 1849 a 1850 lhe facilitou o contato com a cultura lusófona e lhe abriu o caminho para o período em que viveu no Brasil. Os anos em que residiu na

capital do Império brasileiro, de 1852 a 1853, foram suficientes para que o jovem diplomata recolhesse em suas missivas tudo o que se descortinava diante dos seus olhos. Ser secretário da Legação Espanhola não significava o enriquecimento, nem tampouco a preocupação com questões de estado ou geopolíticas. Porém, a ausência de fundos financeiros influenciou como seria a sua vida nessa etapa: sem viagens de exploração. O reduzido orçamento pago não lhe permitia deslocar pelo interior do país e sequer viajar para as demais repúblicas latino-americanas, que foi o seu projeto inicial.

A volta do escritor para Espanha coincidiu com um mundo que passava pelos efeitos da Revolução Industrial e pela repercussão da Revolução Francesa que teve desdobramento nos fatos que sucederão em 1848. A "calmaria" que se seguiu foi de uma *pax inglesa*, a chamada Era Vitoriana. Estamos no que o historiador Eric HOBBSBAMW conceitua de a *Era do Capital* (HOBBSBAMW, 2004), isto é, corresponde ao período da ascensão do capitalismo industrial e da consolidação da cultura burguesa. Num país que estava à margem das mudanças por que passava o noroeste da Europa ficava difícil propor uma posição mais à esquerda, ou dito de outro modo, mais jacobina. É claro que isso se deve a uma série de questões, mas mesmo entre os intelectuais espanhóis existia o anseio por mudanças para acompanhar os novos tempos. A revolução de 1868 tem em VALERA o seu observador, como coloca Enrique RUBIO CREMADES:

La revolución de 1868 tiene en Valera un cronista de excepción. Sus puntuales cartas dirigidas a su familia constituyen un fiel testimonio de lo que ocurrió en España durante este período. Una vez más, Valera observa que el principal problema lo constituye las desavenencias de tipo ideológico, ramificadas en encontrada polémica con problemas de tipo religioso y moral. Su epistolario revela un carácter realista y objetivo, capaz de analizar los entresijos de la política, al igual que ocurriera más tarde con el desastre del 98 en el que Valera parece anticipar el

enfrentamiento con los Estados Unidos. (RUBIO CREMADES, 2003, p.15)

A perspectiva adotada por VALERA propunha um estudo dos fatos como coloca o ensaísta antes, mas se atermos ao que está dito nas entrelinhas se descortinam novas possibilidades de leitura nada inocentes. Os ventos das mudanças chegavam a uma atrasada Espanha que se digladiava em seguir o ideário da Revolução Francesa, pois a experiência napoleônica foi traumática, como, por exemplo, o caso de GOYA, que inicialmente aderiu às forças de ocupação francesa, mas foi paulatinamente percebendo que o sonho da razão produz monstros. Os eventos que sucederam em 1868 foram um eco tardio do que se tinha passado na Europa antes e refletem as tentativas de implementar no país alguns postulados do liberalismo. Um deles seria o da liberdade religiosa, num país totalmente católico. A manutenção do *status quo* da Igreja ia de encontro à reação por parte dos governos conservadores ao ideário da revolução. VALERA diante da questão religiosa segue a postura liberal, como vimos antes, ao postular a liberdade de cultos com a emenda de 1869 e de criticar em uma das suas cartas membros do clero. Porém, a identidade espanhola se configurava para VALERA como intrínseca ao catolicismo. A razão de ser da nação tinha como principal componente ideológico à religião, que para o autor é idiossincrática ao seu povo e também serviu para justificar a propagação da fé nas colônias:

No me explico, pues, la manera miedosa y algo subrepticia de declarar la libertad religiosa como un derecho de algún español, si lo *hubiere*, que apetezca usar de ella, ¿Por qué no dar terminantemente esta libertad a todos los españoles que *hay*? ¿Por qué no darla con el deseo y casi con la más completa esperanza de que han de usar de ella para afirmarse en la fe de sus mayores y conservar en toda su pureza aquellas santas creencias, en cuyo nombre han combatido y triunfado, extendiendo la gloria de la patria,

su dominación y su cultura por toda la redondez de la Tierra, de la cual han dilatado los términos y duplicado la extensión con inmensos e ignotos continentes, islas y mares? (VALERA, 1947, p.45)

O curto período em que a República foi posta no poder retrata a força das ideias retrógradas que estavam em voga, pois um governo republicano foi estabelecido em 1873, mas estourou uma guerra civil entre os carlistas e os liberais. O exército derrubou o novo governo em 1874 e, em 1875, trouxe o filho de ISABEL II para se tornar o rei ALFONSO XII. Apesar das agitações políticas internas, a monarquia espanhola no século XIX permaneceu um bom período no poder com os reinados de FERNANDO VII (1814-1833), ISABEL II (1833-1868), AMADEU SABOYA (1870-1873), ALFONSO XII (1875-1885) e ALFONSO XIII (1886-1931). Somente a perda das últimas colônias na guerra de 1898 abalaria de uma vez um dos alicerces da monarquia: o império. O que sobrava do antigo império eram alguns enclaves na África. Agora a pauta seria dada em resistir o máximo possível às mudanças que eram inevitáveis. Iremos pesquisar também se os eventos de 1898 repercutiram de alguma maneira nos procedimentos e ideais adotados pelo autor na sua obra, visto que o romance que estudamos é de 1897, um ano antes da derrota, que foi prevista pelo escritor em um ensaio. Antes dos fatos ocorridos em 1898, temos coincidentemente uma grande produção ficcional do escritor espanhol. Entre 1870 e 1881 VALERA escreveu os seus principais romances, sendo o de maior repercussão *Pepita Jiménez* que foi publicado em 1874 na *Revista Española* e teve várias edições.

Consagrado pela crítica, VALERA seguiria redigindo outras obras durante o período, até que por motivos de ordem econômica volta novamente para a atividade diplomática. A ascensão na carreira diplomática foi lenta e paralela a ela a sua escalada no mundo das letras teve uma trajetória, digamos com o devido cuidado, mais brilhante e com reconhecimento oficial.

Desde o início, o seu *savoir faire* liberal-aristocrático lhe permitiu dialogar com tranquilidade no seu meio social. O seu aparente etnocentrismo que lhe

poderia ser imputado a partir de alguns dos seus escritos fica comprometido por uma práxis que sempre buscou o diálogo, mas eivada de ambiguidades. Desse modo, escrever sobre o seu lugar na sociedade de seu tempo é um exercício onde as lacunas são muitas e os documentos disponíveis podem obnubilar um comentário crítico. Por detrás do polimento aristocrático havia uma maneira de se portar liberalmente, isto é, se pode sugerir que ele foi um “discreto” liberal: um homem que não se rebelou explicitamente contra o meio em que estava inserido, mas que através de seus escritos “discretos” salientava a hipocrisia da sociedade em que tocava viver. As convenções lhe tolhiam os movimentos, porém VALERA sabia muito bem se movimentar no turbulento mar de intrigas da sociedade espanhola do século XIX. Deve se salientar que o contexto da sociedade burguesa dos séculos XIX e XX já era bem diferente do da época da sociedade de corte do *Ancien Régime*, posto que os novos parâmetros econômicos passaram a dar a nota dominante e as esferas do público e do privado se separaram.

Os últimos anos de vida de VALERA foram marcados principalmente pela deficiência visual. Além disso, abandona finalmente a carreira diplomática em 1895 e passa para uma nova etapa da sua produção ficcional com a publicação de *Juanita la Larga* no mesmo ano. Dois anos depois publica *Genio y figura*. O contexto desse romance se desloca para outro diferente dos ambientados na Espanha, retratando, então, uma mudança que acompanhava os novos rumos que de certa forma estavam latentes e prontos para vir à tona.

Retomando o que até agora foi recortado dos textos de VALERA e sobre ele, observamos que os diversos discursos confluem para o nosso objeto de atenção mostrando que as questões discutidas por VALERA configuravam a sua visão de mundo. Contudo, se nota que os diversos enunciados se perfilam, mesmo com os paradoxos assinalados anteriormente, isto é, tendem para um pensamento bem coerente sobre as questões do seu tempo. Os conteúdos presentes nos diversos discursos de VALERA aqui citados são possibilidades estratégicas que o autor adota e que configuram a sua cena de enunciação liberal-aristocrática. Retomaremos mais adiante alguns dos pontos descritos e os aprofundaremos. Porém, pelo que vimos até agora no recorte sugerido,

podemos propor que os discursos de VALERA alicerçam uma visão de mundo governada pelo apreço dos valores do Liberalismo, mas com uma resistência a inovações radicais (principalmente vindas de baixo), isto é, a presença do ponto de vista aristocrático irá condicionar a sua atuação liberal. Resta saber até que ponto o "mundo" fora da obra de ficção conseguiu adentrar no mundo da fantasia e influenciar as escolhas feitas. A essência dessa práxis discursiva não rompe de maneira violenta com os consagrados valores do *establishment*: um discurso com matizes um pouco avançados que chocavam com a moral da época, com especial atenção ao papel da mulher numa sociedade que lhe dava poucas opções além dos papéis tradicionais que de antemão estavam reservados. Cabe antes de passar para o próximo tópico fazer uma ressalva. Os textos de VALERA tratam de vários temas e a separação do que seria estritamente literário de outras modalidades discursivas traz consigo uma diminuição da compreensão do todo. Talvez algumas das suas ideias se repitam, mas no seu conjunto iremos pouco a pouco observando uma linearidade temática eivada de ambiguidades. Iremos passar no próximo tópico para os desdobramentos oriundos da sua cena de enunciação na sua práxis intelectual.

O período que VALERA viveu lhe permitiu tomar conhecimento de diversos gêneros literários ao longo do século XIX. A denominação "escolas", apesar de não ser muito apropriada na crítica hodierna, serve para propor que o autor foi realmente um estudioso autodidata que mergulhou na literatura e buscou na tradição o seu esteio. Assim, aproveitou os postulados estéticos do Classicismo, do Romantismo, do Costumbrismo e do Realismo e os reelaborou a partir de uma peculiar visão de mundo nos seus romances. A sua estreia como romancista foi na maturidade de sua vida, mas se observamos com cuidado se vislumbram nas cartas, das quais trataremos mais adiante, alguns dos recursos que seriam empregados nos seus textos mais importantes. O escritor em 1857 já tinha completado toda a sua formação intelectual, tanto nas letras clássicas como na poesia moderna. Restava poder por em prática tudo o que aprendera. O exercício epistolar foi o lugar onde praticou a escritura até atingir o espírito crítico que também estaria presentes nos romances.

Além das cartas, temos os ensaios críticos que dialogavam com as principais correntes de ideias do seu tempo e lhe facilitaram também a sua inserção no chamado "Campo Literário", conceituado por Pierre BOURDIEU no seu estudo *As regras da arte*. Nesse campo, existem várias instâncias de poder, nas quais o escritor tem que negociar a sua inclusão para ser reconhecido pelo público e crítica. Há então a figura do editor que seria um tormento constante na vida de VALERA que, como já dissemos antes, não foi afortunado nas suas escolhas. A distribuição dos livros e a recepção pelos principais críticos também eram fundamentais para a consagração de um autor. Os leitores na época eram poucos, mas graças à leitura coletiva o alcance era amplo e atingia uma grande parcela da população, sobretudo o público feminino que seria o maior consumidor desse tipo de obra. E nas obras ficcionais de VALERA eram as mulheres as principais protagonistas e o amor seria o elo que estaria presente na vida das suas mulheres, mas bem diferente do amor piegas, romântico: paixões finas, tranquilas, sem maiores tragédias.

A postura crítica de VALERA sedimentada no ideário do século XVIII seria um diferencial em relação aos outros críticos do seu tempo. Os seus julgamentos seriam pautados por uma atitude crítica, onde a ironia seria o seu instrumento para desmistificar as obras e por extensão os autores, que eram os seguidores medíocres das correntes literárias que estavam em voga na sua época. Seguir a moda também era a escolha que sobrava para aqueles que tinham que viver da pena e não podiam ter o luxo de um emprego público, como a diplomacia. Sobreviver eis à questão: o que fazer? As opções num país como a Espanha do século XIX, eram bem poucas. Tanto que mesmo com uma produção considerável, VALERA teve que voltar para a carreira diplomática para melhorar a sua situação econômica. Entre teoria e prática surgiam questões mais candentes e uma das que sempre esteve batendo a sua porta era a do dinheiro. A mercantilização do mundo das letras condicionava a produção artística e VALERA não pode subtrair-se dessa tendência. Sabemos que os seus primeiros escritos se voltavam para a poesia, mas como não havia um retorno material teve que abandoná-la em favor da prosa que rendia mais. Este descompasso entre a arte e a necessidade de sobreviver iria influenciar nas

suas escolhas estéticas, visto que não tinha como escapar aos ditames do gosto da época. A sobrevivência do artista na sociedade burguesa estava pautada por uma relação de dependência que solapava a sua autonomia artística:

En el mundo en que vivimos, particularmente los individuos de la clase media, tenemos a menudo que seguir un carril, amoldarnos en una misma turquesa y ajustarnos a cierta pauta, todo lo cual amengua y descabala y aun destruye la *autonomía* novelesca, o por lo menos impide su manifestación y desarrollo. A no ser un forajido, esto es, a no estar fuera de la sociedad, o a no ser un mendigo, esto es, a no estar libre de muchas de las exigencias sociales, cualquiera honrado burgués de nuestros días se halla muy en peligro de que jamás le suceda cosa alguna que tenga visos de las que en las novelas suceden. Sólo el tener uno mucho dinero le salva de este peligro. Por eso yo, siguiendo la opinión contraria del Sr. Nocedal, no le escatimo sus tesoros fantásticos al novelista; ni pongo tasa a sus liberalidades con *Montecristo* o con *Abul-Casen*. El dinero es en ocasiones la piedra angular de un edificio poético, así como la falta del vil metal impide que se levanten otros, cuyo plano y traza no pueden ser mejor. (VALERA, 1947, p. 58)

A situação do artista na sociedade burguesa retrata o fim de uma era. O mundo havia mudado e as novas ideias chegavam, como, por exemplo, o Liberalismo do qual VALERA se proclamava partidário. Assim, VALERA pode ver com mais simpatia a presença de outras culturas, como a judia e a muçulmana que considerava como parte do legado cultural espanhol. Possuía, portanto, uma visão geral das tradições culturais da Península açambarcando todos os povos que a constituíram. Este panorama foi delineado na sua antologia de ensaios publicada em 1890, a saber, *Disertaciones y juicios literarios*, da qual

faremos uma breve síntese dos seus postulados. (VALERA, 1947). Os artigos reunidos na obra mencionada, a pesar de não se proporem como história da Literatura Espanhola são interdependentes, uma vez que esboçam um conjunto de ideias sobre o que viria a ser para o autor a cultura de seu país. VALERA abre o seu livro com um texto dedicado a CERVANTES e a sua obra principal, *El Quijote*. No seu comentário aparece a questão que o presente não seria suficiente como aspiração para os homens, que segundo ele voltam para o passado em busca da beleza e da perfeição e se esquecendo do futuro. Contudo, nesse passado que foi forjado o ideal do seu povo que era o de civilizar o mundo. A obra de CERVANTES representaria o momento culminante entre a glória e a decadência de um império. Assim, VALERA considera como ponto pacífico que CERVANTES era homem do seu tempo e seguia as tendências presentes no pensamento da época, inclusive na questão da exclusão dos mulçumanos e judeus da sociedade espanhola. Se havia alguma crítica ou ironia por detrás dos seus personagens quando entravam em rota de colisão com as instituições espanholas, como a Monarquia, a Igreja, eram matizadas por VALERA a partir dos seus postulados "liberais" e para ele CERVANTES não pecava por ser como um dos liberais do século XIX. Os instrumentos de controle da Monarquia absolutista, como a Inquisição, não escandalizariam CERVANTES, pois para o autor, um governo que controlasse as ideias dos artistas quando estas de alguma maneira tocassem em seus fundamentos, como a religião, a política ou os bons costumes morais seria um árbitro do bom gosto ou mau gosto na literatura. Desse modo, o despotismo de CARLOS V e FELIPE II não seria obstáculo para um artista como CERVANTES, que através da palavra escrita conseguiu escapar da censura e tratar de temas que não seriam abertamente discutidos. *Dom Quixote* sobreviveu e teve sucesso, pois conseguiu dialogar de maneira satisfatória com as várias instâncias de poder e ser o retrato fiel das ideias do seu tempo. Enfim, VALERA ressalta no seu texto o que representava para a literatura o autor do *Quijote*: "Cervantes no ha concurrido, no ha descubierto ninguna verdad. Cervantes era poeta, y ha creado la hermosura, que siempre, no menos que la verdad, levanta el espíritu humano, y ejerce un influjo benéfico en la vida de los

pueblos y en los adelantos morales” (VALERA, 1947, p.65). Novamente, entra em cena o ideal do belo realizado na obra de arte que pode servir também para a elevação moral do ser humano.

Além dessa função de aprimoramento, as obras artísticas deveriam ser a ponta de lança do ressurgimento de Espanha, mas o dilema de ser originais ou imitadores estava na ordem do dia. Para superar o atraso seria necessário saltar os obstáculos da originalidade e do remedo. A questão da originalidade é tratada de maneira a ressaltar que as ideias são as mesmas, mas o que muda é a forma como são colocadas, isto é, para VALERA a verdadeira originalidade residia na própria pessoa que funde os pensamentos seus e de outrem para traduzi-los em algo intrínseco e com vida imortal. O poeta conjugaria na sua obra o seu país e a sua época, porém de um modo melhor do que os demais poderiam fazer, pois para VALERA sua alma estaria presente na sua criação. A imitação estaria superada, uma vez que o artista iria além do simples remedo.

Outra questão discutida no livro de VALERA é a função do artista e por extensão da obra de arte na sociedade burguesa. Segundo o autor, as grandes narrações épicas já estavam superadas, pois a inspiração coletiva já não existia mais. O poeta passa a ser um demiurgo isolado do seu público, que tem como função ser apenas mero espectador das obras de arte ou mesmo como uma espécie de auditório simpático. A marginalidade do poeta também é deixada de lado. Para VALERA, a dor e a boemia não eram pré-requisitos para a criação poética. O compadecer com a dor alheia para ele só trouxe mais problemas, pois segundo o escritor, estes mesmos gênios sofriam menos que o povo.

As línguas modernas também já não são um instrumento para os escritores, visto que as antigas lhes eram superiores, como propôs VALERA: “Repito, pues que indudablemente las lenguas modernas son inferiores a las lenguas clásicas, griega y latina, como quiero que este asunto se considere y estudie. (VALERA, 1947, p.249).” Os neologismos são censurados e o autor pauta mais por uma atitude conservadora em relação a mudanças linguísticas. Contudo, em algumas cartas, VALERA tece vários elogios aos neologismos. A flexibilidade de VALERA ao discutir várias questões impede que façamos algum tipo de ponderação para situá-lo como um conservador, já que os pontos de

vista apresentados buscam lidar com as situações que se lhe apresentam de maneira crítica e irônica. Ao reforçar o papel da tradição no caso das inovações linguísticas, não significa que a sua perspectiva residisse num saudosismo rasteiro das realizações do passado, antes pelo contrário, VALERA sabe que seria impossível voltar ao que era antes: "Así, pues, nos parece menos razonable, bajo este concepto, el que un español de ahora sueñe en que se regeneraría su patria volviéndola a lo que fue en pensamientos y creencias en tiempo de los tres Felipes." (VALERA, 1947 p.163).

O papel de VALERA em relação à literatura de seu país e também das outras que veio a estudar, como à portuguesa, à brasileira e à hispano-americana foi de suma importância para o seu tempo e teve desdobramentos posteriormente, pois ao estudar o seu lugar como crítico podemos ver que existe toda uma preocupação com o ideal artístico respaldado no apreço da arte pela arte. O valor dos clássicos era levado na devida conta, pois retomava os autores do século XVIII. VALERA pode assim propor algo diferente do romantismo espanhol. Destarte, foi além do que havia das proposições estéticas das variadas escolas literárias do século XIX. A sua baliza estética fundamentada em parte nos valores clássicos lhe permitiu ter uma posição crítica independente e até mesmo original em relação aos outros estudiosos do seu tempo. Contudo, se mencionamos uma polêmica com um político antes, também existiram muitas outras. Cabe ressaltar que essas polêmicas mostram que o autor não estava escondido em uma torre de marfim, mas participava ativamente do que acontecia no seu tempo. A tônica predominante nos seus escritos é a ambiguidade nas ponderações críticas e se algumas se configuram conservadoras, outras são bem avançadas para a época e possibilitaram um diálogo fecundo entre crítica e obra.

A montagem de um quebra-cabeça pressupõe que as diferentes peças escolhidas se unam num todo a partir de uma determinada regularidade, mesmo com as aparentes contradições das arestas. Fizemos então uma possível reconstituição seguindo as pistas deixadas, mas partindo do homem do qual tentamos traçar um esboço de suas ideias conjugado com acontecimentos mais marcantes da sua vida intelectual. O quadro traçado indica que as suas

primeiras reflexões voltaram com mais força passados mais de quarenta anos para outro contexto e seguiram sendo discutidas. As ideias presentes nos textos aqui tratados convergem em muitos pontos, principalmente no que tange aos postulados estéticos que seriam colocados em prática nas obras de ficção. O exercício crítico de certa maneira consolidou e aprimorou a visão de mundo ficcionista, pois lhe possibilitou interagir com várias correntes literárias e até lançou luzes sobre novas, como foi o caso do Modernismo Hispano-americano.

A postura aristocrática nas escolhas literárias e nos juízos críticos reflete a preocupação do escritor pelo bom gosto. O esvaziamento de ideias políticas contrárias à ordem estabelecida também é uma extensão de uma visão do mundo pautada pelos valores da racionalidade clássica. Talvez em outros textos que não foram comentados tivesse uma práxis mais flexível em relação a outras produções culturais, mas nos textos que discutimos, observamos um movimento pendular entre uma postura mais aberta e outra mais de acordo com os ideais clássicos. Resta reiterar que o critério de seleção adotado na seleção dos textos valerianos obedeceu à diretriz proposta de investigar a evolução do seu iberismo, com especial atenção em analisar os possíveis desdobramentos de uma práxis liberal-aristocrática. Verificamos também que as suas ideias estéticas eram permeadas pela dicotomia liberal-aristocrática, isto é, as ponderações são coerentes com a sua cena de enunciação. Podemos inferir, pelo que foi visto até o presente momento, que no cerne do pensamento valeriano, as transformações não foram drásticas, ou seja, se mantiveram fiéis aos postulados centrais. Houve um maior refinamento das ideias estéticas, mas ideologicamente seguiam as mesmas pautas.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos Impérios-1875/1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *A era das Revoluções –1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *A Era do Capital – 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RUBIO CREMADES, Enrique. *Juan Valera. El escritor y la crítica*. Madrid: Taurus, 2003.

VALERA, Juan. *Obras Completas. Correspondencia, Historia y política, discursos académicos, miscelanea*. (tomo III) Luis Araujo Costa (compilador). Madrid: Aguilar, 1947.

_____. *Juanita la larga*. Madrid: M.E. Editores, 1994.

_____. *Genio y figura*. Madrid: M.E. Editores, 1994.

_____. *Cartas a Estébanez Calderón (1851-1858)*. José Luis García Martín, (coord.). Gijón: Libros del Peixe, 1996.